

TÍTULO: O LIVRO DIDÁTICO E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Rita SAMPAIO¹

RESUMO

Considerando suas características materiais e mercadológicas, procuramos aproximar o livro didático como fonte privilegiada para reconstituição da história da leitura e da literatura. A pesquisa histórica tem mostrado o papel desempenhado por este material na definição dos modos de ler. Os trabalhos de Roger Chartier e Robert Darton apresentam como mudanças na produção do livro, deste como produto, vai se refletir nos modos de ler. Enfatizando aspectos técnicos que vão modificar a relação entre autor, obra e leitor.

Neste sentido o livro didático que tem por destino o espaço escolar tem no seu uso as marcas, os hábitos e os gestos desse espaço. O ato de ler na escola tem a intencionalidade do ensino, que abarca toda uma “prescrição”. O livro de ensino de literatura vai procurar formar o leitor, dentro de uma suposta tradição literária, que envolve a leitura de textos clássicos e a concepção de uma história literária nacional. As fontes pesquisadas são os livros didáticos da Companhia Editora Nacional voltada para o ensino de literatura, (1930-1961). Procuo neste trabalho, pensar quais os mecanismos de seleção dos autores e textos que entram ou saem do livro didático.

PALAVRAS-CHAVE

HISTÓRIA; LEITURA; LIVRO DIDÁTICO.

INTRODUÇÃO

“Uma vez escrito e saído das prensas, o livro seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes. Durante muito tempo, uma necessária sociologia da desigual distribuição do livro mascarou essa pluralidade de usos e fez esquecer que o impresso, sempre, é tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dá sentido. A leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais física-, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações

¹ USP, Faculdade de Educação, r. cotoxó, 201, ap.3, CEP 05021-000, São Paulo, SP, Brasil, demapop@ig.com.br.

do saber ou do lazer, das concepções da individualidade”.
(Chartier.2004, p.173)

Como afirma Chartier (ibid) as pesquisas com o livro, têm revelado uma pluralidade de práticas e usos, enfatizado o papel do leitor, colocando o foco sobre as práticas de leitura, as reações dos leitores ou de grupos de leitores aos textos. Proporcionando uma grande variedade de pesquisas desde a reação dos leitores ao texto, às formas de leitura (leitura em voz alta, leitura silenciosa, leitura pública e leitura privada, intensiva e extensiva). Sobre a materialidade dos livros, pois cabe lembrar que esses antes de seu formato definitivo, passam por um processo que envolve operários, técnicos e trabalhadores das artes tipográficas que interfere na sua apresentação final. A história da leitura coloca para o centro do debate o leitor e aponta uma distância entre a durabilidade da escrita, seu aspecto conservador, estável e a efemeridade da leitura, que só ganha significado com o leitor, ou seja, o texto só existe se houver um leitor para lê-lo. E esse texto tem uma forma, uma apresentação, seu uso e manejo são diferenciados de acordo com os espaços onde ocorre a leitura. Essa proposição vai levantar alguns problemas para o historiador, pois ao fazer uma investigação das práticas de leitura o historiador tem que se voltar para a análise dos textos, a história do livro e os estudos das práticas de leitura. Neste aspecto o uso do livro didático como fonte de pesquisa permite que a análise dos textos escolhidos para formar o *corpus* do material didático, revele a intencionalidade do ensino e a materialidade do livro, seus aspectos gráficos, coloca outros agentes e fatores como determinantes na sua feitura e no caso dos livros de ensino de literatura, aponte algumas práticas de ensino de leitura e de literatura, de se educar e formar um leitor mais proficiente, capaz de inseri-lo no mundo das “grandes obras” e da tradição de uma história literária.

Neste sentido o material didático, os livros de texto, as antologias, os florilégios e a própria escola como um espaço de leitura, coloca indicações sobre o que era lido,

porque era lido, e como era lido. Desta forma a pesquisa com livros didáticos elucidam aspectos importantes da formação do leitor e a intencionalidade desta formação, e no caso deste trabalho à constituição de um cânone literário. Dentro dessa perspectiva procuro em minha pesquisa analisar através do material didático a formação do cânone literário no Brasil, a partir da recepção de autores ligados ao modernismo paulista.

O LIVRO DIDÁTICO

No Brasil a produção acadêmica vem constituindo uma bibliografia especializada acerca dos marcos constituintes do saber escolar, condensado, em particular, mas não exclusivamente, nos livros didáticos. Sabe-se por meio dela que o livro didático foi no Brasil, durante um período longo e não de todo encerrado, o único livro a que tiveram acesso muitos leitores em potencial, como aponta Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999), para grande maioria da população, ele é o primeiro contato com a leitura e a única fonte de sua formação como leitor².

São muitas as abordagens presentes nessa bibliografia como a de Bittencourt(1993), que coloca a origem do livro didático vinculada ao poder instituído. No seu trabalho a autora analisa os projetos educacionais do século XIX e das primeiras décadas do século XX no Brasil, que procuram seguir um ideário liberal e estender lentamente os direitos de cidadão a população, desta forma o poder governamental passou a utilizar mecanismos de controle de disseminação do saber, sendo o livro

² A esse respeito, afirma Antônio A.G. Batista: “O pequeno valor social atribuído ao livro didático não justifica, porém, a pouca atenção a ele dada. Em primeiro lugar, vem-se constatando (Silva, 1997, Melo 1997 e MEC 1997) que – ainda que lamentavelmente – os livros didáticos são a principal fonte de informação impressa utilizada por parte significativa de alunos e professores brasileiros e que essa utilização intensiva ocorre quanto mais as populações escolares docentes e discentes têm menor acesso a bens econômicos e culturais (Dias, 1999)”, .“*Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos*”. Edição citada, p. 531.

didático alvo de especial cuidado das elites dirigentes³. Outros autores como Kazumi Munakata e Antonio G. Batista analisam formas assumidas historicamente pelo material didático e a dificuldade de defini-lo como objeto de pesquisa, visto ser ele, ao mesmo tempo, um material descartável e desvalorizado como obra. Estes autores ponderam sobre as modificações sofridas pelo material didático e como procedimentos técnicos influenciaram na feitura do material.

O estudo clássico de Hallewell (1985), sobre o livro no Brasil, aponta que a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela estruturação do mercado editorial no Brasil, pelo processo de modernização do setor, sendo o material didático uma importante, e garantida, fonte de renda para as editoras⁴.

A produção do livro didático envolve concepções pedagógicas e políticas educacionais, o tipo dos textos selecionados (prosa ou poesia), os autores selecionados, aspectos técnicos com números de páginas, direitos autorais, aspectos gráficos, ou seja, questões ligadas aos meios de reprodução do material. Outro aspecto a ressaltar é que o material de pesquisa, os livros didáticos de ensino de literatura utilizam textos selecionados que são produzidos com outra finalidade, dirigidos para comunidades não escolares, portanto temos que pensar quais os mecanismos de seleção dos autores e textos que entram ou saem do material.

O livro didático no seu uso tem as marcas, os hábitos e os gestos do espaço escolar, dessa comunidade de leitores. O ato de ler na escola tem a intencionalidade do ensino, que envolve toda uma “prescrição”. O livro de ensino de literatura vai procurar formar o leitor dentro de uma tradição literária. Especificamente o livro de ensino de literatura vai trabalhar com autores “consagrados”, os ditos clássicos que devem ser

³ BITTENCOURT, Circe M. F. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar. São Paulo, 1993. doutorado. FFLCH-USP.

⁴ Em seu trabalho O Livro no Brasil, Hallewell, faz uma análise do mercado editorial país e coloca a importância do livro didático para a viabilização das editoras.

ensinados às novas gerações, autores canonizados pela crítica e tradição da história literária. Neste trabalho procuramos verificar, além da crítica e da história literária, como outros aspectos interferem na constituição do conteúdo do livro didático de ensino de literatura e qual a sua importância para a consolidação de um determinado cânone literário.

Outro aspecto que consideramos é que o livro didático principalmente os voltados para o ensino de história e literatura, através da seleção dos seus conteúdos, vai constituindo, ou forjando um sentimento de nacionalidade, de pertencimento a uma história comum, construindo uma identidade nacional⁵.

Ao pensarmos a formação do cânone literário, estamos considerando o debate sobre a nossa formação enquanto nação, presente na nossa produção literária. A história literária e a literatura estão ligadas a esta tradição, numa construção da nossa identidade enquanto nação. A produção historiográfica e os estudos sobre currículo vêm apontando que, o ensino de história e da nossa história literária, teve um papel relevante para a constituição da identidade nacional⁶. O livro didático vai ser, portanto essencial para o entendimento de qual nação e quais as características dessa nação devem ser valorizadas

⁵Na América Latina as Antologias, Parnasos e Florilégios do século XIX, que eram utilizadas no espaço escolar, procuravam dar corpo ao sentimento de nacionalidade, como um marco de fundação poética das jovens nações latino-americanas, criando uma tradição histórica literária. Ver Achugar, H. La Fundación por la palabra- Letra y nación em América Latina em el siglo XIX. Editora universidad de la republica, Uruguay, 1998.

⁶ A uma longa contribuição de historiadores e estudiosos sobre currículo que aponta a relação entre currículo e a formação da identidade nacional. Ver ABUD, Katia Maria. *Formação da alma e do caráter nacional: ensino de história na era Vargas*. In: Revista Brasileira de História, v.18, n.º.36, 1998 AZEVEDO, Cecília. *Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão*. in ABREU, R. e SOIHET, R.(org.) Ensino de História: conceito, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003. BITTENCOURT, Circe M. F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, 1993. Doutorado.FFLCH-USP. CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um tema de pesquisa. Teoria & Educação, v.2, Porto Alegre, 1990. GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis/RJ, editora vozes, 1995.

e reforçadas. Pois como assinala Choppin (2000)⁷, a literatura escolar, a partir do século XIX, com a constituição dos Estados nacionais, assume um papel importante na formação das novas gerações no sentido da construção da nacionalidade. Os livros didáticos neste sentido são essenciais para o entendimento de qual nação e quais as características dessa nação devem ser valorizados e reforçados e para entendermos as mudanças ocorridas nos programas curriculares e sua intencionalidade na formação dos educandos.⁸

No Brasil desde a nossa independência tem-se a preocupação com a formação do Estado-Nação, e com a nossa identidade. Nossos intelectuais desde o Império discutem o caráter da nação brasileira, buscando explicar e entender o país, ora valorizando sua mestiçagem, sua natureza, ora colocando esses fatores como os principais motivos de atraso em relação à Europa. Com o modernismo temos a continuidade dessa discussão, o movimento em suas diversas correntes, estará sempre discutindo o Brasil.

Livro didático e modernismo

Ao trabalhar os livros didáticos, buscamos verificar as mudanças e permanências ocorridas ao longo das várias edições, desde sua tiragem, adequação às normas educacionais, circulação, autores, bem como examinar, pelo meio das edições revistas, as alterações de conteúdo e a seleção de autores e obras, acompanhar as mudanças internas e suas relações com o contexto histórico, com o desenvolvimento da crítica literária, e as alterações políticas. A escolha da Companhia Editora Nacional é devido a

⁷ Ver. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da Arte, in Educação e Pesquisa, São Paulo, vol.30, n.3 neste artigo A. Choppin, destaca a importância do livro didático como símbolo da soberania nacional.

⁸ Sobre nação ver bibliografia.

sua estreita relação com escritores modernistas, dos quais publicou várias obras desde os anos 1920⁹, e por sua ligação com autores do movimento de renovação do ensino, sendo o seu editor Fernando Azevedo¹⁰. Assim, estamos averiguando as possíveis intersecções entre as várias fases do movimento modernista paulista e o debate educacional travado entre os anos 1930 e 1960, e o modo como estes incidem sobre o livro didático, e a constituição desde em objeto de ensino.

O modernismo, com sua carga de inovação estética, seu projeto ideológico e sua crítica à tradição literária instituída transformou-se gradualmente, dos anos trinta para cá, em uma referência central dentro dos livros didáticos. O contato com as fontes permite estabelecer que o movimento percorreu um longo percurso até se constituir em referência nacional de boa literatura e ocupar os bancos e livros escolares.

Ao debruçar sobre o livro didático de ensino de literatura, procuro observar como este material incorporou as mudanças no cânone escolar. É notável a alteração na lista de autores selecionados, as variações dos trechos escolhidos, e como as discussões estéticas e políticas do movimento modernista repercutiram em sua constituição como objeto e saber escolar definido. Desta forma, os livros didáticos produzidos entre os anos 1930 e 1961 apontam para oscilações na apresentação de seus principais articuladores, bem como de suas obras.

Através do livro didático, e da análise do seu conteúdo, das variações que ocorrem de edição para edição, este material vai colaborar para uma mudança de sensibilidade em relação às obras e autores modernista. Antonio Candido, em “A

⁹ Entre os anos de 1920 e 1930, a editora publicou de Menotti del Pichia: *A mulher que pecou* (1927), *Dente de Ouro* (1929), *O homem e a morte* (1929), *A crise da democracia* (1931) e *A revolução paulista* (1932). De Plínio Salgado, publicou *O esperado* (1931); de Graça Aranha, *Espírito Moderno* (1932); de Oswald de Andrade *A escada vermelha* (1934); de Ronald de Carvalho, *Itinerário* (1935).

¹⁰ Sobre Fernando de Azevedo ver Maria Rita de Toledo, *Fernando de Azevedo e a cultura Brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura*. Dissertação de mestrado. PUC/SP

educação pela noite” refere-se a uma rotinização e normalização do modernismo, após a década de trinta, (Cândido, A, 2000).

Como ocorre essa ‘normalização’ é o que nos interessa. Quais as mudanças que favoreceram os modernistas e como o livro didático colaborou para essa “normalização modernista” no campo literário? O modernismo ao propor novas bases de interpretação do país, vai colocar-se como marco, como um divisor dentro da nossa história literária, portanto:

Recuperar e investigar esse período de lutas e mortes que marcam parte da história da formação do campo literário nacional, na verdade, recuperar uma parcela da história cultural brasileira que parecia definitivamente escrita, pelos próprios modernistas, por historiadores da literatura e críticos literários sintonizados com a política modernista.
(Passiani, 2003:35).

Considerando que o modernismo não se estabeleceu de pronto, os livros didáticos, e os agentes envolvidos na sua feitura, editores, autores, jornalistas, educadores, críticos e suas relações são importantes para estabelecermos outras interpretações sobre a história literária, escrita pelos próprios modernistas, ou por críticos ligados ao modernismo paulista. Outras questões que cabem considerar são as mudanças na estruturação do ensino público, com a criação de comissões e regulamentações específicas para o livro didático. E na própria conformação dos livros e na concepção de literatura, pois os livros nas primeiras décadas do século XX, trazem textos históricos e discursos políticos de “grandes vultos da nossa história”, que são tratados como modelos do bem escrever.

O trabalho de pesquisa até o momento envolve os livros didáticos do ensino secundário da Companhia Editora Nacional, dirigida por Fernando Azevedo, educador

identificado com os pioneiros da escola nova, os autores e livros pesquisados foram os seguintes:

Otoniel Mota (1878-1951), paulista, membro da Academia Paulista de Letras, os livros de sua autoria pesquisados foram, “Lições de português e Seleta Moderna”, 4ª edição, 1935, 4ª edição 1936 e a 6ª edição de 1937.

Paulo de Freitas (1899-?), paulista, obra “O nosso idioma”, 1ª edição, 2ª, 3ª, 4ª de 1936, 5ª de 1937, 6ª edição de 1938, 7ª edição de 1939, 8ª edição de 1941, 9ª edição de 1942, 10ª edição 1943, 11ª 1944, 13ª edição 1945, 14ª edição 1948, 15ª edição 1948, 16ª edição 1950.

Antenor Nascentes (1886-1972), carioca, co-autor com Carlos de Laet da Antologia Nacional, obra “O idioma nacional”, 2ª edição, 1941.

Júlio Nogueira, historiador literário, filólogo, livro didático “Programa de Português- antologia”, 3ª edição, 1945.

Souza da Silveira (1883-1967), carioca, obra “Trechos seletos” complemento prático as “Lições de português”, 5ª edição, 1942.

Sylvio Elia (1913-1998), fluminense, “Compêndio de língua e literatura”, 1 vol. 1953 em co-autoria com J. Budin, autor que busco maiores referências.

Aníbal Bruno, pernambucano, Professor de Português da Escola Normal, dirigiu a série Biblioteca Escolar Brasileira, da coleção B.P.B, obra “Língua Portuguesa”, 1ª edição, 1941 e “Língua Portuguesa – Antologia”, 8ª edição de 1943.¹¹

Informações sobre os autores do livro didático apareciam na capa ou na contracapa do material, numa estratégia editorial que procurava dar respaldo e legitimidade ao livro

¹¹ As informações sobre esses autores foram retiradas da Enciclopédia de Literatura brasileira/direção Afrânio Coutinho, J. Galante de Sousa, 2ª edição – São Paulo; Global Editora; Rio de Janeiro, RJ: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de letras, 2001.

didático¹². Os livros publicados e pesquisados fazem parte da coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, 2ª série didáticos, que no seu catálogo de 1933, trás as seguintes informações:

.A 2ª série compreende obras propriamente didáticas, isto é, de aplicação didática para manuseio de alunos em escolas primárias, profissionais, normais, secundárias e superiores. É uma coletânea de compêndios, pequenos tratados e seletas de autores de valor incontestável e identificados com as novas correntes metodológicas. Ela pretende ser a melhor, a mais atual completa coleção de obras didáticas. (Catálogo da editora, 1933.)

Como o próprio catálogo aponta a coleção busca se identificar com o novo. No conteúdo dos livros, percebemos pequenas referências aos autores modernistas, em Otoniel Motta “Lições de português e Seleta Moderna”, 4ª edição, 1935, 4ª edição 1936 e a 6ª edição de 1937, não aparece nenhuma referência aos autores modernista, nos livros “Língua Portuguesa”, 1ª edição, 1941 e “Língua Portuguesa – Antologia”, 8ª edição de 1943 de Aníbal Bruno, já na década de 40 temos a presença de Graça Aranha, com os seguintes textos ‘Música Notiva’, ‘Sonho’, ‘Cavalgando’, ‘Lendas’. Esses autores aparecem no índice da antologia, já Cassiano Ricardo, Ronald de Carvalho, Cecília Meireles, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, aparecem no corpo do livro para exemplificar estilos. No prefácio de Souza Silveira (prefácio da 2ª edição de 1934), há um agradecimento especial a Manuel Bandeira, por suas indicações de autores como Anchieta, Alphonsus de Guimarães, Lima Barreto, Raul Pompéia, Aluizio de Azevedo, Manuel de Almeida e Graça Aranha. No livro de Júlio Nogueira “Programa de Português- antologia”, 3ª edição, 1945 na capa encontramos a seguinte

¹² Sobre estratégias editoriais da Companhia Editora Nacional, TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial*. São Paulo: PUC-SP, 2001 (Tese de doutorado em Educação).

observação ‘de acordo com a orientação do programa de 15 de julho 1942,’ encontramos Graça Aranha , com ‘Queimada’. No livro de Paulo de Freitas, “O nosso idioma” que tem sua primeira edição em 1936 e a 16ª edição em 1950, utiliza os textos para o ensino da gramática, como aponta no prefácio os textos dos “mestres da nossa língua” e não ocorre a presença de autores e textos modernistas no material.

No “Compêndio de língua e literatura”, 1º vol. 1953 de J. Budin e Sylvio Elia encontramos a seguinte referência ‘de acordo com novos programas, conforme portaria 966 de 02/10/1951 e portaria 1045 de 14/12/1951, dirigido ao primeiro ano do curso colegial e para os candidatos a exame vestibular’.

Os livros didáticos estudados até o momento abrangem as décadas de 30, 40 e 50, como já colocado acima fazem pequenas referências aos autores modernistas, é interessante notar como autores como Manuel Bandeira¹³ e Ronald de Carvalho¹⁴ aparecem mais por seu trabalho enquanto organizadores de pequenas antologias, do que com suas obras literárias¹⁵.

O debate sobre a nação brasileira no período estudado repercutiu na constituição de um cânone modernista, destacando ora um autor, ora uma corrente do movimento, mas fatores extras literários também influenciaram essa constituição, como as relações entre editor e autores, editor e escritores presentes no livro, necessidade de adequar o material às mudanças educacionais, questões de direitos autorais, a facilidade de se publicar trechos de obras e autores já publicados pela casa editorial. Através do material pesquisado percebe-se a inserção de autores, hoje pouco conhecidos como Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo.

¹³ Manuel Bandeira, poeta, foi professor do Colégio Pedro II e autor de “Noções de história das literaturas”, publicadas pela Editora Companhia Nacional, a partir de 1940.

¹⁴ Ronald de Carvalho , além de poeta ligado aos modernistas, escreveu também crítica literária, a obra a que nos referimos é a “Pequena história da literatura brasileira” com primeira edição de 1919.

¹⁵ Nos livros de J. Budin e Sylvio Elia é constante a referência ao livro de Manuel Bandeira “Noções de história das literaturas.” publicada pela mesma editora.

O livro didático de literatura, vai nos possibilitar acompanhar essas transformações e as oscilações desses autores e suas obras, o posicionamento de determinado autor dentro do campo literário, considerando as suas amizades, as relações familiares, os tráficos de influência, as manhas do mercado, editores, suas relações com governantes, críticos, jornalistas.

Considerando que o movimento modernista – ou antes, o conjunto de autores hoje indissociavelmente identificados com o movimento, como Mário Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida – se pautou pelo questionamento e reavaliação da produção e da tradição literária nacional, com vistas a uma inovação estética e ideológica, procuramos, investigar o processo de inclusão ao saber escolar desses autores e suas obras, que passaram então a ser incorporados ao universo escolar. Nesse contexto, o livro didático teve papel central ao apresentar e disseminar pedagogicamente uma concepção de literatura definida por “modernista”.

BIBLIOGRAFIA

ABUD, Katia Maria. *Formação da alma e do caráter nacional: ensino de história na era Vargas*. In: Revista Brasileira de História, v.18, n°.36, 1998.

ACHUGAR, Hugo. *La Fundacio por la palabra- Letra y nación América Latina en el siglo XIX*. Uruguay, Universidad de la republica- facultad de hmanidades y ciencia de la educación, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, editora atica, 1989.

AZEVEDO, Cecília. *Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão*. in ABREU, R. e SOIHET, R.(org.) *Ensino de Historia: conceito, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. “*Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos*”. In ABREU, Márcia Azevedo de. (org) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: ALB / Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999 p.529-575.

BITTENCOURT, Circe M. F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, 1993. Doutorado.FFLCH-USP. BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte . Gênese e Estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*. 5ª ed., São Paulo, EDUSP/Itatiaia, 1975.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3ªed., São Paulo, Ed.Ática, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura, 1880-1980*. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa/Difel, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, Brasília, editora UnB.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um tema de pesquisa*. Teoria & Educação, v.2, Porto Alegre, 1990.

CHOPPIN, Alain,. *Os manuais escolares na França e a formação do cidadão*. In: Veritas, Porto Alegre, v.43 nº especial, 1998.

CHOPPIN, Alain, *A História dos livros e das edições didáticas* in Educação e Pesquisa, vol. 30, set/ dez 2004.

COUTINHO, Afrânio e GALANTE de SOUSA. Enciclopédia de Literatura brasileira, 2ª edição – São Paulo; Global Editora; Rio de Janeiro,RJ: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de letras,2001.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Boemia Literária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOODSON, Ivor F. Currículo: teoria e história. Petrópolis/RJ, editora vozes, 1995.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP,1985.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa ,mito e realidade*. Rio de janeiro, Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric J.e RANGER(Orgs.), T. *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. In: Revista Brasileira de Historia da Educação, nº1, 2001.

LAFETÁ, João Luiz: *1930: A crítica e o modernismo*, São Paulo, ed.34, 2000.

LAILOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

_____, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na república velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1992.

_____ e ZIBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

MOREIRA, Antonio Flavio B. *Currículos e Programas no Brasil*. São Paulo: editora Cortez, 1990.

MUNAKATA, Kazumi. *Livro didático: produção e leituras* in ABREU, Márcia Azevedo de. (org) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: ALB / Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999 p.577-594.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Dos parnasos e florilégios aos ensaios de história literária*. História. São Paulo, v.16, 1997.

TOLEDO, Maria Rita de A. *Fernando Azevedo e A cultura brasileira ou as aventuras do criador e da criatura*. PUC/SP. Dissertação de mestrado. 1995

TOLEDO, Maria Rita de A. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial*. São Paulo: PUC-SP, 2001 (Tese de doutorado em Educação).